

A DIVERSIDADE DA ORALIDADE NOS ÂMBITOS SOCIAIS

Leticia da Silva Honoro¹

RESUMO

A linguagem é um sistema linguístico simbólico essencial para a construção do pensamento e da realidade. Tal processo resulta em sistemas linguísticos próprios, compostos por signos. A oralidade, por sua vez, esteve presente desde os primórdios da humanidade, como nos registros rupestres e em gestos comunicativos. Atrelados a linguagem e a oralidade estão a fala e a escrita, entendidas atualmente como letramento, sendo a habilidade de usar leitura e escrita de maneira crítica nas práticas sociais. A oralidade engloba avanços significativos que surgiam de acordo com a necessidade humana, tal qual é o caso dos gêneros textuais, que por sua vez ampliam a comunicação em atividades socioculturais entre os indivíduos. O presente artigo tem por objetivo realizar uma pesquisa sobre a evolução da linguagem dentro da oralidade e como ela em um sistema linguístico pode servir de tecnologia e um mecanismo de convivência entre os seres. Este é um estudo de revisão bibliográfica, baseado nos estudos de J. L. Fiorin (2002), Luiz Antônio Marcuschi (entre 2008 a 2010), André Gorz (2018) e Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018) sobre língua, oralidade (fala e escrita) e gêneros textuais conforme a Base Nacional Comum Curricular. Sendo assim, será possível compreender que fala e escrita não são práticas dicotômicas, embora cada uma possua características próprias, logo que fazem parte do mesmo processo de aquisição de linguagem com papéis selados para o desenvolvimento humano conforme sua exigência.

Palavras-chave: Linguagem, Oralidade, Fala, Escrita.

INTRODUÇÃO

No século XX, a colaboração dos estudos realizados pelo linguista Ferdinand de Saussure foram ideais para compreender que a partir da comparação da grafia uma língua “mãe” ocorre a origem de línguas “filhas” e que esse processo ocorre através do tempo, sendo assim construído seu próprio sistema composto por um conjunto de signos. Nesse ínterim, o linguista José Luiz Fiorin afirma que os signos são uma forma de apreender a realidade e que “a atividade linguística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo” (2015, p.56).

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras - UFCG, lsh_lee@hotmail.com;





A nossa língua depende dos signos para existir, pois sem estes seríamos incapazes de compreender a realidade, sendo o ser humano prejudicado pela ausência de um conceito/signo. Portanto, esse conjunto de signos faz com que as situações que nos deparamos no cotidiano sejam flexíveis, pois todas elas são possíveis de nomear, bem como possíveis de conhecer, posto isso um bom domínio da linguagem depende da compreensão de mundo do indivíduo.

A oralidade constantemente esteve presente no desenvolvimento dos indivíduos, podemos notar com clareza isso nos primeiros registros das pinturas pré-históricas desenvolvidas pelos nossos ancestrais, bem como relatos orais e gestuais pelos quais ambos se comunicavam e transmitiam conhecimentos em suas comunidades.

Semelhantemente a importância da oralidade temos o letramento este estando diretamente ligado com a escrita e a leitura. Sendo assim, a fala e a escrita são as formas mais simbólicas pelas quais se aplicam funções da oralidade e do letramento, tendo em vista que temos uma grande diversidade de textos escritos e movimentos corporais, sensoriais e visuais pelas quais elas se expressam, embora possam ser subjetivas em algumas situações.

Ao relatar sobre fala e escrita, é indispensável citar a língua, visto que ela é um mecanismo de tecnologia para a sociedade. A língua é um sistema de códigos na qual a fala e escrita se interligam, sendo assim não há necessidade de competição entre elas, cada qual desenvolve uma função no âmbito social sendo fundamental para que possa ter uma compreensão mais ampla e eficaz sobre a linguagem. Vale destacar que, a escrita é um sistema que possui regulamentos, para ser aplicada a depender do contexto, já a fala é ampla e individual, pois se aplica de maneiras diferentes em cada circunstância.

Dessa forma quando vamos estudar a linguística não devemos nos deter ao significado apenas denotativo da palavra, pois a linguagem possui relações com os significados e significantes, bem como o contexto ao qual é explorado, ressaltando que para Fiorin (2015, p. 28) “Signo é toda produção humana dotada de sentido.” Sendo assim, podemos compreender que a linguagem não é algo pronto, mas é a forma como cada indivíduo comprehende aquilo que lhe é transmitido.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Oralidade: Fala e escrita

A relação entre fala e escrita não era atribuída, pois eram vistas como práticas dicotômicas. Atualmente, essa posição é **inexistente**, visto que ambas possuem lugar, papel e grau de relevância perante as práticas sociais, bem como cada uma faz parte do uso da língua e são necessárias para a construção de nossas falas e textos, em que uma não se destaca mais que a outra, mas são de grandes tecnologias para nossa evolução, pois de acordo com Marcuschi (2008)

[...] Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala, como se verá adiante. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros [...]. (Marcuschi, 2008, p. 17).

As duas práticas se complementam, pois enquanto uma é adquirida naturalmente, outra foi elaborada para nossa evolução, necessitando de ir a uma instituição educacional aprender seus signos para uma grafia correta de sua língua, dessa maneira a ação da escrita é essencial porque a partir dela conseguimos construir uma “fala”, contudo ela possui características próprias de seu sistema, mas uma não se distancia da outra por esse fato, já que “as limitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial do meio básico de sua realização: som de um lado e grafia do outro, embora elas não se limitem a som e grafia, como acabamos de ver..” (Marcuschi, 2008, p. 17).

A oralidade tem sua importância, assim como a escrita. Logo, ambas não concorrem, mas sim se complementam, sendo as duas elementares para a composição de discursos, ou seja, são representações da língua, sendo a escrita gráfica e a oralidade fônica, já que o linguista Marcuschi (2008) pontua que a

[...] Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. As limitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial do meio básico de sua realização: som de um lado e grafia de outro, embora elas não se limitem a som e grafia, como acabamos de ver. (Marcuschi, 2008, p. 17)

Visa-se, então, que não são consideradas opostas, pois possuem características individuais, bem como algumas semelhanças. Para Marcuschi (2010, p.19) não existe apenas um tipo de letramento, e sim, os letramentos, ao qual o autor identifica como “letramentos sociais”, que são esses, como o próprio nome já afirma que são adquiridos nos âmbitos



IX Seminário Nacional do PIBID
ENALIC

Yerônimo Fábio de Souza
IX Seminário Nacional do PIBID

sociais, não necessariamente na instituição escolar, bem como ele afirma que: “O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas [...]”, portanto, podemos afirmar que o letramento é um processo.

É importante salientar que existem diferenciações devido aos diversos tipos de letramentos as quais podem ser orientadas pela escrita, visando que o letramento parte da concepção histórica e social. Para Marcuschi (2010, p.20) “Mesmo pessoas ditas “iletradas”, ou seja, analfabetas, não deixam de estar sob a influência de estratégias da escrita em seu desempenho linguístico, o que torna o uso do termo “iletrado” muito problemático em sociedades com escrita [...]”.

O uso dos termos fala e escrita para as modalidades de uso da língua revelam tendências teóricas, visto que revelam distinções, as quais são estudadas e aprofundadas em cada tendência. Tratando-se de mais de processos do que produtos, pelo fato de constituírem formas comunicativas, logo não sendo limitado ao plano de código, pois

[...] na fala todas as manifestações textuais-discursivas da modalidade oral, bem como englobar na escrita todas as manifestações textuais-discursivas da modalidade escrita, o que nos permite estender a reflexão para aspectos discursivos e comunicativos que exorbitam o plano do meramente oral ou grafemático. Neste sentido, os termos fala e escrita passam a ser usados para designar formas e atividades comunicativas, não se restringindo ao plano do código. Trata-se muito mais de processos e eventos do que de produtos. ((MARCUSCHI, 2008, p. 26)

Estas tendências são Dicotomias estritas (quadro 01), Visão Culturalista (quadro 2). A perspectiva variacionista (quadro 03), Perspectiva sócio-interacionista (quadro 4). Ressaltando sobre fala e escrita, relacionando-as às tendências, são refletidos aspectos semiológicos, aspectos formais e estruturais, sendo que segundo Marcuschi “[...]É relevante indagar-se, com Stubbs (1986), se as relações entre fala e escrita são uniformes, constantes e universais, ou se elas são diversificadas na história, no espaço e nas línguas.” (MARCUSCHI, 2008 apud STUBBS, 1986, p. 26).

Quadro 01: Dicotomias estritas



Quadro 1. Dicotomias estritas.

fala	<i>versus</i>	escrita
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não planejada		planejada
imprecisa		precisa
não normatizada		normatizada
fragmentária		completa

Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. In.: **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 27

A perspectiva da dicotomia estrita é rigorosa e restritiva quanto ao uso da língua, ela possui um padrão a ser seguido a risca e a norma culta deve ser respeitado, pois foi a partir dessa perspectiva que a fala foi vista como errada e a escrita um lugar de beleza, de bons costumes por seguir regras severas para sua utilização.

Esta visão, de caráter estritamente formal, embora dê bons resultados na descrição estritamente empírica, manifesta enorme insensibilidade para os fenômenos dialógicos discursivos. Sua tendência é restritiva e a própria noção de regra por ela proposta é demasiado rígida. (MARCUSCHI, 2008, p. 28).

No quadro é perceptível como a escrita está de forma mais afirmativa e a fala de forma negativa. Citando algumas palavras elencadas pela análise para a construção do quadro, a escrita é apresentada como precisa, normalizada, completa, diferentemente da fala que é colocada como imprecisa, não normalizada e fragmentada.

Quadro 02: Visão Culturalista

Quadro 2. Visão culturalista.

cultura oral	<i>versus</i>	cultura letrada
pensamento concreto		pensamento abstrato
raciocínio prático		raciocínio lógico
atividade artesanal		atividade tecnológica
cultivo da tradição		inovação constante
ritualismo		analiticidade





Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. In.: **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 29

IX Seminário Nacional das Diversidades
IX Seminário Nacional do PIBID

A visão culturalista trata-se de uma tendência, desenvolvida por psicólogos, sociólogos e antropólogos, os quais fazem análises sociais, cognitivas e antropológicas sendo estas análises voltadas para a observação das práticas da oralidade *versus* escrita. Visando como estas influenciam na construção de conhecimentos.

[...] vê criticamente esta tendência, inicia sua obra sobre as relações entre a fala e a escrita frisando, com justeza, que a introdução da escrita no mundo foi um feito notável e correspondeu à transição do “mito” para a “história” se nos apoiamos na realidade dos documentos. Foi a escrita que permitiu tornar a língua um objeto de estudo sistemático. Com a escrita criaram-se novas formas de expressão e deu-se o surgimento das formas literárias. (MARCUSCHI, 2008, p. 29).

Assim como para todas as tendências, existem seus críticos que as analisam precisamente, neste vale destacar Gnerre (1985), que descreve pontos que vê como problemas acerca destas predisposições como o etnocentrismo, a supervalorização da escrita e o tratamento globalizante. Logo, não servindo para tratar relações linguísticas, no Quadro 2 são apresentadas características desta visão culturalista, sendo dividida em cultura oral *versus* cultura letrada, tendo estas diferenciações acerca de pensamentos, raciocínio, atividade (artesanal ou tecnológica).

Compreende-se a partir disso que essa tendência desconsidera a realidade de que existem grupos letrados. Logo, essa visão não adapta-se para tratar das relações linguísticas “[...] já que vê a questão em sua estrutura macro (visão global) e com tendência a uma análise da formação da mentalidade dentro das atividades psico-socioeconômico-culturais de um modo amplo.” (Marcuschi, 2008, p. 29)

Quadro 03: A perspectiva variacionista

Quadro 3. A perspectiva variacionista.

fala e escrita apresentam

língua padrão
língua culta
norma padrão

variedades não padrão
língua coloquial
normas não padrão





Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. In.: **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31

Diferentemente das outras tendências apresentadas, essa vem enfatizando que a fala e a escrita não são desvinculadas, no entanto apresentam variações e regularidades, Marcuschi (2008, p.31) afirma: “Todas as variedades submetem-se a algum tipo de norma. Mas como nem todas as normas podem ser padrão, uma ou outra delas será tida como norma padrão.” Concluímos então que, tanto a fala e escrita irão apresentar variações de acordo com o contexto e local na qual as mesmas estão sendo utilizadas, apresentando uma grande variedade, pois as mesmas não são únicas e possuem variações.

Quadro 04: Perspectiva sociointeracionista

Quadro 4. Perspectiva sociointeracionista.

fala e escrita apresentam

- dialogicidade
- usos estratégicos
- funções interacionais
- envolvimento
- negociação
- situacionalidade
- coerência
- dinamicidade

Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. In.: **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 33

Nesta quarta tendência, vamos obter uma perspectiva mais dinâmica voltada para as linguagens, visto que elas partem da interação com o meio, não terá tanta formalidade visando que ela busca trabalhar na visão dialógica, então diferentemente das primeira essa se faz livre de ideologias e segregações, busca a compreensão das interações presentes na linguagem, saber o porquê e para que a linguagem.

A perspectiva interacionista preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situados em contextos sócio-históricamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais. Não toma as categorias linguísticas como dadas a priori, mas como construídas interativamente e sensíveis aos fatos culturais. Preocupa-se com a análise dos gêneros textuais e seus usos em sociedade. (Marcuschi, 2008, p. 34).





Portanto, ela se detém tanto ao estudo da língua falada bem como à língua escrita, visando sempre às interações presentes, existentes na fala e na escrita, ou seja, havendo uma coerência entre a fala e a escrita.

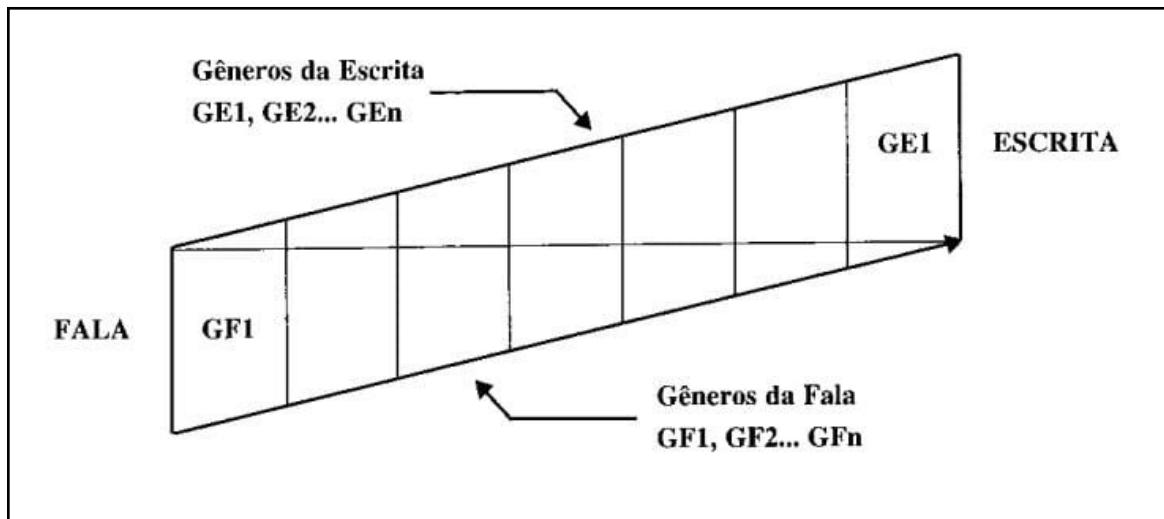
2.2 Oralidade e gêneros textuais conforme à Base Nacional Comum Curricular

Para Marcuschi (2008), a fala e a escrita não são de caráter dicotômico, porque não possuem grande diferença uma da outra para ter relevância como dois sistemas linguísticos distintos. Portanto, esse se torna um dos argumentos dele de que as duas são práticas sociais, pois a partir delas conseguimos fazer uso de nossa língua, bem como a fala e a escrita em alguns momentos atuam como práticas mistas pela sociedade.

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não são suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações linguísticas, sociais, dialéticas e assim por diante. (Marcuschi, 2008, p. 17).

Dessa maneira, a modernização do mundo se fez necessário ter uma língua escrita, pois antigamente toda a cultura e práticas usadas por um determinado povo era repassado, em sua maioria, em linguagem oral. No atual momento, Marcuschi (2008) coloca que a escrita é uma forma de sobrevivência gerando educação, desenvolvimento e poder, desde que a fala é atribuída de forma informal, diferentemente da escrita que é adquirida em um lugar formal, sendo essa um fator desejável da sociedade.

Quadro 01: Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.





Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. In.: **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 38.

O gráfico 01, representa os dois domínios linguísticos que são: fala e escrita e como eles são utilizados nos gêneros textuais. Essas duas formas de comunicação são diferentes no aspecto dos gêneros textuais porque possuem seu próprio sistema para uso, sendo que em alguns momentos elas se encontram e formam um só domínio: o domínio misto. Portanto, as suas acrescentam nas práticas sociais porque as duas fazem parte da nossa língua, a fala com uma realização de mobilidade corporal e entonação (entre outros), enquanto a escrita segue normas dentro do sistema para se adequar ao que é solicitado (entre outros), contudo ambas se tornam uma em alguns gêneros para favorecer ao social.

Os gêneros textuais surgiram com a necessidade do homem se comunicar com os outros indivíduos, acredito que desde a primeira espécie humana houve a necessidade de comunicar-se, então podemos afirmar que a partir disso foi surgindo a oralidade, os gêneros nada mais são do que a comunicação com o outro, Marcuschi (2010) afirma:

Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (Marcushi, 2010, p. 19).

Diante do que foi exposto, podemos então concluir que os gêneros são meios/modelos pelos quais as pessoas utilizam de acordo com a sua realidade para que eles possam se comunicar, a depender do ambiente o gênero irá se encaixar e terá uma finalidade comunicativa para a pessoa. Conforme apresentado, sabemos que os gêneros ele é algo amplo que tem a função sócio-comunicativa, sendo assim o quadro a seguir apresenta as distinções entre os tipos textuais e os gêneros textuais.

Quadro 02: Tipos Textuais e gênero textuais

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
<ol style="list-style-type: none">1. construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;2. constituem sequências linguísticas ou seqüências de enunciados e não são textos empíricos;3. sua nomeação abrange um conjunto ilimitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	<ol style="list-style-type: none">1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;2. constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas;3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, placa, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.





Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definições e funcionalidade*. In.: **Gêneros textuais e ensino**. (Orgs.) DIONISIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. São Paulo: Parábola, 2010, p. 24.

Como visto, o gênero tem uma ampla variação, já os tipos textuais são eles: o descriptivo, narrativo, explicativo, argumentativo e injuntivo, os próprios nomes já falam muito sobre as características presentes nos textos, a seguir veremos a explicação abordada por WERLICH, apresentada no texto de Marcuschi.

“Pare”, “Seja Razoável” Vem representada por um verbo no estes são os enunciados incitadores à ação. Estes textos podem sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um “deve”. Por exemplo: “Todos os brasileiros na idade de 18 anos do sexo masculino devem comparecer ao exército para alistarem-se”. (Marcuschi, 2010, p. 30).

Com isso conseguimos notar a variedade presente nos textos, bem como distinguir que os tipos textuais estão dentro do universo de gênero e que pode haver variações conforme as situações às quais eles são utilizados. Para Marcuschi (2010, p. 31) “Um gênero pode não ter determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero.”.

A oralidade é apresentada nos documentos oficiais da seguinte forma: no Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN no volume de Língua Portuguesa na versão de 1997, afirma que para séries iniciais é descrito que o ensino da língua oral e escrita são de suma importância para um ser que está inserido em uma sociedade, logo sendo papel da escola instruir como fazer uso destas. Mas descreve, também, que não é papel direto da escola ensinar o aluno a falar, visto que quando a criança entra na escola ela já estava inserida em um mundo onde aprendo isso. Sendo então, papel da escola garantir atividades sistemáticas sobre a língua, essa afirmação segundo Carvalho e Ferrarezi (2018) querem dizer que

Primeiramente, que o trabalho com oralidade é um trabalho para a sala de aula, um conteúdo programático de responsabilidade da escola. Segundo, que o planejamento do professor deve prever tempo para esse trabalho, ou seja, que a escola (o diretor, o supervisor, o professor, o orientador educacional e os pais) tem de entender que falar e ouvir são conteúdos de língua portuguesa previstos em lei e que, quando o professor de língua portuguesa está treinando oralidade com os alunos, não está enrolando, deixando de trabalhar. Terceiro, que esse trabalho não é feito de qualquer jeito, “uma vez na vida e outra na morte”, como se diz popularmente. (Carvalho, Ferrarezi, 2018, p. 31)

Contudo os métodos, a continuidade e a progressividade são as dimensões que irão sistematizar o fazer pedagógico. Assim, garantindo reflexões acerca da língua oral de forma contextualizada e eficaz para a aprendizagem, como bem descreve Carvalho e Ferrarezi(2018)



“Método, continuidade e progressividade garantem a sistematicidade do trabalho de desenvolvimento das competências comunicativas como, aliás, garantem a sistematicidade do ensino como um todo. Sem isso, nada feito!” [...] (Carvalho, Ferrarezi, 2018, p.32).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC define e demanda competências específicas das linguagens sendo compreendidas como forma de construção da humanidade em diferentes aspectos (sociais, culturais, históricos), desenvolvimento de senso crítico, estético e utilização de diferentes linguagens para/em diferentes finalidades. Ou seja,

O trabalho com a oralidade deve continuar em moldes semelhantes ao que deveria ser realizado com base nos PCN, acrescido de uma preocupação atualizada em relacionar as questões de linguagem ao enorme desenvolvimento tecnológico na área das TIC experimentado no Brasil na última década [...] (Carvalho, Ferrarezi, 2018, p. 29 e 30)

A BNCC descreve também as competências e habilidades relacionadas às práticas orais referenciando a base para a prática pedagógica no eixo da oralidade. Citarei aqui as competências sendo as seguintes: consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana; Compreensão de textos orais; Produção de textos orais; Compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos; e relação entre fala e escrita. Logo percebe-se que “Dessa forma, a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia.” (Brasil, 2017, p. 70).

Cada qual das competências citadas acima têm suas respectivas habilidades, as quais não citarei aqui tendo em vista a extensão. Quanto ao desenvolvimento da criticidade dos alunos a BNCC descreve que é um fazer necessário, de forma que os alunos estejam envolvidos em reflexões para a amplificação das suas capacidades quanto ao uso da língua por meio de práticas escolares significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o presente trabalho foi apenas uma forma de contribuir para a ampliação dos conhecimentos que existem sobre a oralidade, uso da língua e os gêneros textuais, também é uma contribuição para conhecimentos sobre os pressupostos dessa temática. Sendo assim, com essas atribuições da língua o mundo no qual somos inseridos é transformado e que partilham não só conhecimentos de mundo, mas o que expressão através





das mídias digitais ou fontes historiográficas ao seu redor, portanto a sociedade não se perde no tempo e no que está acontecendo ou aconteceu diante da oralidade.

A capacidade do ser de fazer uso de uma linguagem de forma concisa e coesa vem da possibilidade de haver gêneros textuais. Por essas razões faz-se necessário estar sempre buscando conhecimentos e se aprimorando sobre as temáticas abordadas neste ensaio, visto que elas já pertencem ao nosso cotidiano, pois tudo que nos cerca é a oralidade. É importante ressaltar que a valorização dessa prática contribui para reflexão das práticas educacionais diante dos documentos educacionais sancionados, como a BNCC e os PCN's buscando melhorias e ações para que possam ser desenvolvidas a oralidade no contexto educacional. Esses documentos colaboram destacando pontos que a educação pode trabalhar em sala de aula em alguma instituição escolar, pois esse processo potencializa o conhecimento e difusão da nossa linguagem.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI JR, Celso. *Oralidade conceito relevância*. In.: **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. São Paulo: Parábola, 2018, p. 13-37.

FIORIN, J. L.(org.) **Introdução à linguística: objetos teóricos**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Oralidade e escrita*. In.: **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 15-43.

_____. *Gêneros textuais: definições e funcionalidade*. In.: **Gêneros textuais e ensino**. (Orgs.) DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. São Paulo: Parábola, 2010, p. 19-38.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.